

Mudanças no clima afetam DF

Provável falta de água, aumento da média de temperatura e diminuição da umidade do ar. Os problemas ambientais chegam à capital

Warner Bento Filho
Da equipe do Correio

Um problema sem cor, cheiro ou gosto se agrava silenciosamente pelo Distrito Federal e tem tudo para ser a grande dor de cabeça do próximo século na capital do país: a água.

Os problemas ambientais relacionados com a ocupação desordenada do Planalto Central e com as mudanças climáticas mundiais acabaram afetando os mananciais da região — um dos recursos naturais mais delicados e escassos no Distrito Federal. Queimadas, construções de prédios, pavimentação de ruas, lavouras, falta de saneamento básico, lixo, tudo isso contribui para que a água seja um bem cada vez mais valioso e raro.

Engana-se quem pensa que o clima no Distrito Federal sempre foi o mesmo. Estudos indicam que ele vem se modificando ano a ano e não se pode dizer que as mudanças sejam para melhor.

Desde que se monitora o tempo em Brasília, quando da fundação da cidade, em 1960, nunca houve um ano tão seco e quente quanto este. A média histórica da temperatura no DF em setembro é de 28,3 graus centígrados. Mas, em 1998, ficou em 29,7 graus. Para agosto, a média é de 27,3. Este ano, chegou a 28,7.

A umidade foi a mais baixa de toda a história de Brasília. Em setembro último, os aparelhos do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) registraram umidade relativa do ar de 12%. Na média, o mês teve 24% de vapor de água no ar. Até então, 1963 era tido como o ano mais seco da capital.

Outra mudança climática ob-

servada no Distrito Federal se refere ao regime das chuvas. “Antes da criação da cidade, os períodos de estiagem e de chuvas eram perfeitamente definidos”, diz o superintendente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) no DF, Salviano Guimarães. “As primeiras chuvas começavam em setembro, fraquinhas, e as chuvas fortes aconteciam em janeiro, quando chovia praticamente todos os dias”, lembra.

CHUVAS

As chuvas fracas, explica Salviano, favorecem a infiltração da água no solo, recompondo os mananciais de água subterrânea. As chuvas torrenciais, ao contrário, lavam a superfície e têm menos penetração. A água escorre sobre a terra e a carrega para os leitos dos rios.

Há fatores diretamente relacionados ao DF que contribuem para os desequilíbrios. Um deles é a impermeabilização do solo. A construção de prédios e a pavimentação de vias vão impedindo que a água das chuvas se infiltre.

A ocupação desordenada destrói matas ciliares — que estão às margens das nascentes, córregos e rios, fundamentais para a manutenção dos mananciais de água — e nascentes, contaminando as reservas com esgoto e lixo, agravando a escassez de água.

A intervenção humana a partir dos desmatamentos, queimadas e a circulação de automóveis contribui para a elevação da temperatura. E os graus a mais nos termômetros também ajudam a secar ainda mais o ar. Altas temperaturas e baixa umidade formam as condições

Paulo de Araújo 22.8.98



As altas temperaturas e a baixa umidade relativa do ar propiciam incêndios nos parques florestais de Brasília

ideais para que desastres como o recente incêndio no Parque Nacional de Brasília sejam cada vez mais graves e frequentes.

GLOBALIZADO

Mas os desequilíbrios constatados no DF são conseqüência também de fenômenos globais como o efeito estufa e o *El Niño* (fenômeno climático que se caracteriza pelo aumento da temperatura do Pacífico, que provoca enchentes e secas

fora de época). O efeito estufa se dá a partir da formação, na atmosfera, de uma camada de gases que impedem a dispersão dos raios solares que chegam à terra. Estes gases — principalmente o dióxido de carbono liberado pela queima de combustíveis fósseis — funcionam como um escudo de vidro envolvendo a terra e elevando a temperatura em todo o planeta.

“Os anos 90 têm se caracterizado em Brasília por temperaturas mais

elevadas que o normal e umidade muito baixa”, atesta o chefe do serviço de previsão do tempo do Inmet, Francisco de Assis Diniz.

Há, porém, uma boa notícia: o período de chuvas que começa agora deve ser generoso, segundo Diniz. “Os indicativos que temos mostram que deve chover igual ou acima da média histórica de Brasília”, diz o meteorologista. A mudança, segundo ele, está relacionada ao efeito *La Niña* — que é o oposto do *El Niño*.